

Augusto Carvalho evita “já ganhou”

Ao visitar o comércio de Taguatinga, hoje pela manhã, e encerrar o sábado em Planaltina, depois de passar pelo Plano Piloto e por Ceilândia, o deputado Augusto Carvalho (PCB-DF), candidato à reeleição pela Frente Popular, carrega uma preocupação: a liderança nas pesquisas, que insinuam a certeza da reeleição: “A idéia do já-ganhou não existe no nosso dicionário nem na nossa prática política”, conta o deputado na tentativa de afastar o otimismo exagerado.

Segundo Augusto, mesmo os candidatos progressistas buscam voto entre o seu eleitorado sob o argumento de que sua reeleição já é um fato. “Em 1986, nossa boa votação representou uma vantagem para a coligação. E é natural que desta vez estejamos trabalhando no mesmo sentido. De modo que convencer o eleitorado a trocar de voto nesta base não parece uma prática política muito sadia. Se minha candidatura for realmente bem aceita, os demais candidatos da coligação serão beneficiados por isso”, argumenta.

Augusto, que foi o terceiro mais votado na eleição de 1986, explica que ele próprio deseja ver no futuro Congresso Nacional uma bancada progressista expressiva. “A polarização causada pelos candidatos a governador às vezes esconde um dado muito importante desta eleição que é o fato de que o novo Congresso, em 1993, terá o poder de revisar a Constituição”, lembra o deputado. Para ele, esta eleição também tem um caráter constituinte, só que menos evidente.

Com base neste raciocínio, o deputado justifica sua luta por uma bancada progressista, mas ressalva: “É muito positivo saber que nossos votos, se realmente chegarem a um nível elevado, vão contribuir para a eleição de outros candidatos progressistas. Mas é preciso lembrar que se queremos um bom desempenho da coligação, também queremos que esses candidatos progressistas obtenham uma boa votação pelos seus próprios méritos. Essa é a política da consciência”.

Natural de Patos de Minas, município de Minas Gerais, o deputado busca no folclore político do estado a razão do seu alerta. Corre a história de que um candidato muito bem cotado no interior foi vítima do seu próprio favoritismo e um segundo candidato, bem menos cotado, acabou sendo o eleito. “Por achar que o primeiro candidato estava eleito com segurança, os eleitores acabaram recebendo uma surpresa”, diz ele, que, como bom mineiro, prefere uma eleição tranquila ao barulho duvidoso da liderança nas pesquisas.